

BAD
HALF

HALF BAD

S A L L Y G R E E N

TRADUÇÃO DE EDMUNDO BARREIROS



Copyright © 2014 Sally Green
Publicado originalmente em inglês por Penguin Books Ltd, Londres.
Todos os direitos reservados

TÍTULO ORIGINAL
Half Bad

PREPARAÇÃO
Janaína Senna

REVISÃO
Édio Pullig
Guilherme Bernardo
Halime Musser

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE DE CAPA
Tim Green, Faceout Studio

IMAGENS DE CAPA
© Tanya Constantine/Blend Images/Getty Images
© WIN-Initiative/Getty Images

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G83h

Green, Sally
Half Bad / Sally Green ; tradução Edmundo Barreiros. –
1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2014.
304 p. ; 23 cm. (Trilogia Half Bad ; 1)

Tradução de: Half Bad
ISBN 978-85-8057-559-0

1. Ficção inglesa. I. Barreiros, Edmundo, 1966-. II. Título. III. Série.

14-12739

CDD: 823
CDU: 821.111-3

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para minha mãe

sumário

PARTE UM: O TRUQUE

o truque	13
a jaula	14
flexões	15
passando roupa	21
o truque não funciona	23

PARTE DOIS: COMO FUI PARAR EM UMA JAULA

minha mãe	27
jessica e a primeira notificação	28
meu pai	32
o suicídio de minha mãe	33
a segunda notificação	34
os dons de jessica	39
falta muito para dezessete	45
escola de ensino médio thomas dawes	48
mais brigas, mais cigarros	57
a quinta notificação	65
meu primeiro beijo	70
B&S	78
depois do trauma	86
a história da morte de saba	90
mary	95
duas armas	105
a sexta notificação	110

PARTE TRÊS: A SEGUNDA ARMA

o enforcador	121
o truque novo	123
a rotina	125
lições sobre meu pai	128
fantasias sobre meu pai	136
pensamentos sobre minha mãe	138
avaliações	139
punk	140
um caçador	148
vovó	153
visitantes	155
codificado	159

PARTE QUATRO: LIBERDADE

três saquinhos de chá na vida de nathan marcusovich	175
nikita	181
cobalt alley	186
dinheiro	192
jim e trev (parte um)	195
jim e trev (parte dois)	202
caçadores	209
arran	213

PARTE CINCO: GABRIEL

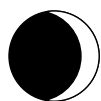
genebra	221
gabriel	228
o telhado	238

PARTE SEIS: FAZENDO DEZESSETE ANOS

os favores	245
a águia e a rosa	253
confiança em gabriel	258
annalise	267
a fairborn	271
de volta para mercury	279
três presentes	290
fuga	297

“Pois não existe nada de bom ou de mau que não seja
assim pelo nosso pensamento.”

Hamlet, William Shakespeare



parte um

o truque

o truque

Ali estão dois garotos sentados juntos, espremidos entre os braços da velha poltrona. Você é o da esquerda.

O outro menino está querendo se aproximar e move os olhos da TV para você, meio que em câmera lenta.

— Está gostando? — pergunta.

Você faz que sim com a cabeça. Ele passa o braço ao seu redor e se volta para a tela outra vez.

Depois, os dois querem tentar fazer o que viram no filme. Você pega a caixa de fósforos grande na gaveta da cozinha e corre com ela para o mato.

Você primeiro. Acende o fósforo e o segura com o polegar e o indicador, deixando que arda até o final. Seus dedos queimam, mas não soltam o fósforo enegrecido.

O truque funciona.

O outro garoto tenta também. Só que não consegue. Deixa o fósforo cair.

Aí você acorda e lembra onde está.

a jaula

O truque é não se importar. Não se importar com a dor, não se importar com nada.

O truque de não se importar é fundamental. É o único truque da cidade. Só que não é uma cidade. É uma jaula ao lado de uma cabana, cercada por vários morros e árvores e céu.

É uma jaula de um truque só.

flexões

A rotina é ok.

Acordar ao ar livre é ok. Acordar em uma jaula algemado faz parte. Você não pode deixar que a jaula entre em você. As algemas arranham, mas a cicatrização é rápida e fácil, então, por que se importar?

A jaula está muito melhor agora que puseram peles de carneiro. Mesmo quando estão úmidas aquecem. O oleado cobrindo o canto que dá para o norte também foi uma grande melhoria. Lá há abrigo quando o vento e a chuva apertam. E faz um pouco de sombra se está quente e ensolarado. Brincadeira! Você também precisa manter o senso de humor.

A rotina é acordar quando o céu se ilumina antes do amanhecer. Você não precisa mover um músculo, não precisa abrir os olhos para saber que está clareando, pode só ficar ali deitado absorvendo tudo.

A melhor parte do dia.

Não há muitos pássaros. Seria bom saber o nome de cada espécie, mas você conhece os diferentes cantos. Não há gaivotas, o que é algo para se pensar, nem fumaça. O vento normalmente é brando na calma que antecede o amanhecer, e o ar já parece mais quente ao começar a receber luz.

Agora você pode abrir os olhos e tem alguns minutos para saborear o alvorecer, que hoje é uma fina linha rosa que se estende ao longo de uma tira estreita de nuvens pairando acima de morros indistintos. E você ainda tem um minuto, talvez até dois, para pôr os pensamentos em ordem até ela aparecer.

Mas você precisa de um plano, e a melhor ideia é ter elaborado tudo na noite anterior para poder agir direto, sem pensar. Normalmente o plano é fazer o que lhe mandam, mas não todo dia, e não hoje.

Você espera até que ela apareça e lhe jogue as chaves. Você pega as chaves, solta as correntes dos tornozelos, os esfrega para enfatizar a dor que ela lhe está infligindo, destranca a algema esquerda, destranca a direita, fica de pé, destranca a porta da jaula, devolve as chaves para ela, abre a porta da jaula e sai, sempre de cabeça baixa, sem jamais a encarar (a menos que isso seja parte de outro plano), esfrega as costas, talvez solte um gemido, vai até a horta e mijá.

Às vezes ela tenta confundir sua cabeça, é claro, mudando a rotina. Às vezes manda fazer as tarefas antes dos exercícios, mas quase sempre a primeira coisa são as flexões. Você descobre como vai ser antes mesmo de fechar o zíper.

“Cinquenta”.

Ela diz isso baixo. Sabe que você está ouvindo.

Você não se apressa, como sempre. Isso é parte importante do plano.

Fazê-la esperar.

Você esfrega o braço direito. A argola de metal corta seu pulso quando você fica algemado. Você se cura e fica só com um leve formigamento. Depois gira o pescoço, os ombros, o pescoço de novo, e fica ali parado por um ou dois segundos, forçando-a até o limite antes de se esticar no chão.

<i>Um</i>	<i>Não se importar</i>
<i>Dois</i>	<i>é o truque.</i>
<i>Três</i>	<i>O único</i>
<i>Quatro</i>	<i>truque.</i>
<i>Cinco</i>	<i>Mas há</i>
<i>Seis</i>	<i>um monte de</i>
<i>Sete</i>	<i>táticas.</i>
<i>Oito</i>	<i>Um monte.</i>
<i>Nove</i>	<i>À espreita</i>
<i>Dez</i>	<i>o tempo todo.</i>
<i>Onze</i>	<i>O tempo todo.</i>
<i>Doze</i>	<i>E é</i>
<i>Treze</i>	<i>fácil.</i>
<i>Quatorze</i>	<i>Porque não há</i>
<i>Quinze</i>	<i>mais nada</i>
<i>Dezesseis</i>	<i>a fazer.</i>

<i>Dezessete</i>	<i>Procurar o quê?</i>
<i>Dezoito</i>	<i>Alguma coisa.</i>
<i>Dezenove</i>	<i>Qualquer coisa.</i>
<i>Vinte</i>	<i>Qual-</i>
<i>Vinte e um</i>	<i>quer</i>
<i>Vinte e dois</i>	<i>Coisa.</i>
<i>Vinte e três</i>	<i>Um erro.</i>
<i>Vinte e quatro</i>	<i>Uma chance.</i>
<i>Vinte e cinco</i>	<i>Um descuido.</i>
<i>Vinte e seis</i>	<i>O</i>
<i>Vinte e sete</i>	<i>menor</i>
<i>Vinte e oito</i>	<i>erro</i>
<i>Vinte e nove</i>	<i>da</i>
<i>Trinta</i>	<i>bruxa</i>
<i>Trinta e um</i>	<i>da Luz</i>
<i>Trinta e dois</i>	<i>do</i>
<i>Trinta e três</i>	<i>Inferno.</i>
<i>Trinta e quatro</i>	<i>Porque ela comete</i>
<i>Trinta e cinco</i>	<i>erros.</i>
<i>Trinta e seis</i>	<i>Comete, sim.</i>
<i>Trinta e sete</i>	<i>E se esse erro</i>
<i>Trinta e oito</i>	<i>não der</i>
<i>Trinta e nove</i>	<i>em nada,</i>
<i>Quarenta</i>	<i>você espera</i>
<i>Quarenta e um</i>	<i>pelo próximo</i>
<i>Quarenta e dois</i>	<i>e pelo próximo</i>
<i>Quarenta e três</i>	<i>e pelo próximo.</i>
<i>Quarenta e quatro</i>	<i>Até</i>
<i>Quarenta e cinco</i>	<i>você</i>
<i>Quarenta e seis</i>	<i>conseguir.</i>
<i>Quarenta e sete</i>	<i>Até</i>
<i>Quarenta e oito</i>	<i>conseguir</i>
<i>Quarenta e nove</i>	<i>fugir.</i>

Você se levanta. Ela devia estar contando, mas nunca terminar é outra tática.

Ela não diz nada, mas se aproxima e o esbofeteia.

Cinquenta

— Cinquenta.

Depois das flexões, você fica parado e espera. É melhor olhar para baixo. Você está perto da jaula na trilha. A trilha está enlameada, mas você não vai varrê-la, não hoje, não com esse plano. Choveu muito nos últimos dias. O outono está chegando rápido. Apesar disso, hoje não está chovendo. As coisas já estão indo bem.

“Faça o percurso externo.”

Fala baixo outra vez. Ela não precisa levantar a voz.

E você já vai começar a correr... mas ainda não. Tem que fazer com que ela continue achando que você é a mesma pessoa difícil, mas basicamente submissa. Então você bate um pé da bota no outro para limpar a lama, o salto do esquerdo na ponta do direito, em seguida o salto do direito na ponta do esquerdo. Você levanta a mão e olha ao redor como se estivesse avaliando a direção do vento, cospe nos pés de batata, olha para a esquerda e para a direita como se estivesse esperando uma brecha no trânsito e... deixa o ônibus passar, e então parte.

De um salto, sobe no muro de pedras empilhadas, desce do outro lado e depois sai correndo pelo pântano em direção às árvores.

Liberdade.

Quem dera!

Mas você tem um plano e aprendeu muito em quatro meses. O mais rápido que percorreu o circuito externo para ela foi em quarenta e cinco minutos. Você pode fazer em menos que isso, talvez em quarenta, pois para no riacho do outro lado e descansa, bebe, escuta e observa, e uma vez conseguiu chegar até a beirada do penhasco e viu mais morros, mais árvores e um lago (talvez fosse um rio, mas, de certa forma, as urzes e a duração dos dias de verão davam a impressão de que era um lago).

Hoje o plano é acelerar assim que ela não puder mais vê-lo. Isso é fácil. Bem fácil. Sua alimentação está ótima. Tem que dar a ela algum crédito, pois está bem saudável e em forma. Carnes, verduras, mais carne, mais verduras, sem esquecer a boa dose de ar fresco. Ah, isso é que é vida.

Você está indo bem. Mantendo um bom ritmo. Seu melhor ritmo.

E está zunindo, se curando do tapinha que levou dela; isso é que provoca esse zunido.

Você já está no ponto mais distante, onde pode fazer a volta para o percurso interno, que na verdade é metade do externo. Mas ela não queria o interno, e você ia fazer o externo, mesmo que ela tivesse dito o contrário.

Dessa vez tem que correr ainda mais rápido.

E aí descer pela beirada do penhasco.

E deixar que a gravidade o leve para baixo em passadas longas na direção do córrego que vai dar no lago.

Aí a coisa fica complicada. Você acaba de sair da área do percurso e logo estará bem longe dela. Ela não vai perceber que você fugiu até notar que está atrasado. Isso lhe dá vinte e cinco minutos depois de deixar o percurso, talvez trinta, talvez trinta e cinco, mas digamos vinte e cinco, antes de ela ir atrás de você.

Mas ela não é o problema. O problema é a pulseira. Vai se romper quando você se afastar demais. Você não sabe como funciona: feitiçaria, ciência ou ambas as coisas, mas vai se romper. Ela lhe disse isso no Dia Um, e disse que a pulseira tem um líquido, um ácido. O líquido vai ser liberado, queimar e cortar seu pulso.

“Vai amputar sua mão”, foi o que ela disse.

Você continua descendo. Há um estalido... e a queimação começa.

Mas você tem um plano.

Para e mergulha o pulso no riacho. O riacho fervilha. A água ajuda, apesar de o líquido ser uma poção estranha e gosmenta nada fácil de ser lavada. E está saindo mais. Mas você precisa continuar.

Você coloca musgo e turfa úmidos ao redor da pulseira. Enfia a mão na água de novo. Coloca mais. Está demorando muito. Continue.

Morro abaixo.

Siga o riacho.

O segredo é não pensar no pulso. Suas pernas estão bem, cobrindo uma boa distância.

E, afinal de contas, perder a mão não é tão ruim assim. Você pode substituir por alguma coisa boa... um gancho... uma garra de três pontas, como a do cara de *Operação dragão*... ou talvez alguma coisa com lâminas retráteis que saem na hora de uma briga, *sliiink*... ou mesmo com chamas... mas de jeito nenhum você vai ter uma mão falsa, isso é certo... de jeito nenhum.

Sua cabeça está girando. E também está zunindo. Seu corpo está tentando curar o pulso. Você não tem como saber, talvez escape dessa com duas mãos. Apesar disso, o truque é não se importar. Seja como for, você está livre.

Teve que parar. Enfiar a mão no riacho de novo, botar mais turfa e continuar.

Quase no lago.

Quase.

É... Frio maldito.

Você está indo devagar demais. Andar pela água é lento, mas é bom manter o braço ali dentro.

Apenas não pare.

Não pare.

É um lago grande à beça. Mas tudo bem. Quanto maior, melhor. Significa que sua mão vai ficar na água por mais tempo.

Passando mal... ughhh.....

Merda, essa mão está com uma aparência horrível. Mas parou de sair ácido da pulseira. Você vai escapar. Você a derrotou. Você pode encontrar Mercury. Você vai receber três presentes.

Mas precisa seguir em frente.

Vai terminar de atravessar o lago em um minuto.

Está indo bem. Está indo bem.

Agora não está longe.

Logo vai conseguir avistar o vale e...